

Silvéria da Aparecida Ferreira • Nikolas Corrent
(Organizadores)

CIÊNCIAS HUMANAS & SOCIAIS APLICADAS:

Competencias para o desenvolvimento humano



Silvéria da Aparecida Ferreira • Nikolas Corrent
(Organizadores)

CIÊNCIAS HUMANAS & SOCIAIS APLICADAS:

Competencias para o desenvolvimento humano



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências humanas e sociais aplicadas: competências para o desenvolvimento humano

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Silvéria A. Ferreira
 Nikolas Corrent

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C569	<p>Ciências humanas e sociais aplicadas: competências para o desenvolvimento humano / Organizadores Silvéria A. Ferreira, Nikolas Corrent. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0864-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.642220612</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Ciências sociais. I. Ferreira, Silvéria A. (Organizadora). II. Corrent, Nikolas (Organizador). III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 101</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O livro “Ciências humanas e sociais aplicadas: Competências para o desenvolvimento humano” apresenta uma coletânea de pesquisas acadêmicas transformadas em artigos científicos. Esta obra tem o objetivo de divulgar investigações que problematizam temas relevantes e sensíveis das humanidades e das sociais aplicadas, na busca pela compreensão das estruturas de poder, dos conflitos e das resistências presentes na sociedade.

Desta maneira, os textos que seguem apresentam questões relevantes na atualidade, permeadas pela preocupação comum com recortes e sujeitos historicamente excluídos e marginalizados. Entre os operários, indígenas, afrodescendentes, aparece também a inquietação sobre o ensino universitário e o espaço rural.

Buscamos relacionar os capítulos por eixo temático norteador, promovendo um elo entre as pesquisas dos(as) autores(as). Desta forma, não ficamos restritos a esquemas rígidos temporais e espaciais na organização da obra.

Nos primeiros capítulos os(as) leitores(as) terão a oportunidade de pensar sobre as relações de trabalho, as massas operárias, os sindicatos e os partidos políticos. Na sequência, entram em problematização o ensino universitário e o modo dos discentes aprendem.

A obra segue com o estudo do território e da língua indígena dentro da escola indígena Ixubã Rabui Puyanawa no Acre (BR) e das questões étnicorraciais dentro do Serviço Social. Por fim, contemplamos três textos que possuem na crítica social, econômica e política seus principais pontos comuns. Assim, tratam da profunda desigualdade social dentro do sistema capitalista vigente, seja na má distribuição de renda e da tecnologia, na marginalização do espaço rural dentro de políticas públicas e documentos oficiais ou na questão climática.

Temáticas e pesquisas urgentes com problemas cotidianos racionalmente compreendidos. Consideramos essa obra propositiva no incentivo a novas formas de condução do conhecimento, na transformação da realidade e na compreensão crítica dos problemas sociais. Convidamos a leitura crítica e atenta.

Boa leitura!

Silvéria A. Ferreira
Nikolas Corrent

CAPÍTULO 1	1
A RELAÇÃO ENTRE A GREVE E A SINDICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEÇÃO DOS PORTUGUESES	
Carla Magalhães Célia Taborda Hugo Alonso Ana Almas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206121	
CAPÍTULO 2	22
GREVE DE MASSAS, PARTIDO POLÍTICO E SINDICATOS: APONTAMENTOS	
Darlan Faccin Weide	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206122	
CAPÍTULO 3	36
INVESTIGAR LAS HUELLAS DE ACTIVIDADES EN LÍNEA PARA COMPRENDER EL APRENDIZAJE DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS	
Silvia Verónica Valdivia Yábar	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206123	
CAPÍTULO 4	49
A LÍNGUA INDÍGENA E SEU O TERRITÓRIO: UM ESTUDO DA ESCOLA INDÍGENA IXUBÃY RABUI PUYANAWA, ACRE – BRAZIL	
Kely Costa de Lima Vildna Dias da Costa Adriano Toledo Paiva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206124	
CAPÍTULO 5	62
SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL UMA DISCUSSÃO IMPRESCINDÍVEL	
Karima Omar Hamdan Andréa Pires Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206125	
CAPÍTULO 6	76
O MUNDO NÃO ACESSÍVEL DOS JOGOS DIGITAIS: É NECESSÁRIO FALAR SOBRE ISSO!	
Luiz Cláudio Machado dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206126	
CAPÍTULO 7	89
O RURAL NO PLANO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO DE TERESINA- PIAUÍ	
Lísian Priscilla Oliveira Sousa Nascimento Masilene Rocha Viana	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206127>

CAPÍTULO 8 100

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS DOS PERÍODOS DE ESTIAGEM QUE
PROVOCARAM DESASTRES NA REGIÃO OESTE CATARINENSE

Kátia Spinelli

Rosemy da Silva Nascimento

Márcia Fuentes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6422206128>

SOBRE OS ORGANIZADORES 110

ÍNDICE REMISSIVO 111

GREVE DE MASSAS, PARTIDO POLÍTICO E SINDICATOS: APONTAMENTOS

Data de submissão: 21/10/2022

Data de aceite: 01/12/2022

Darlan Faccin Weide

Universidade Estadual do Centro-Oeste
(UNICENTRO/PR).
<http://lattes.cnpq.br/2203498702375288>

RESUMO: O estudo trata de textos de Rosa Luxemburgo, que ajudaram a guiar os caminhos da classe proletária no complexo contexto da II Internacional socialista (1889-1914). O objetivo é apresentar proposições de Luxemburgo sobre a greve de massas como nova estratégia de ação e expressão revolucionária da luta de classes. A pesquisa é de caráter bibliográfico, realizada com um enfoque teórico marxista, na vertente do materialismo histórico-dialético. Resultados: Luxemburgo orientou as ações da classe proletária, com base nos pressupostos da ortodoxia marxiana. Ela confrontou as estratégias de vários anos de preparação e educação do operariado alemão pelo SPD, com o processo de greve de massas russos, em que os trabalhadores aprenderam e se educaram no calor da luta. Recuperou a luta de classes, em perspectiva revolucionária. Subverteu a compreensão da época sobre greve geral de caráter anarquista, interpretando os acontecimentos históricos

das greves de massas russas. Conclusão: Luxemburgo sinaliza para uma concepção de partido socialista, diferente do SPD, que se distanciava das massas, deseja um partido que mantenha uma relação dialética constante com a massa proletária. Partido que educa e que seja educado pelas massas proletárias no percurso de um processo dialético, de antagonismo com as forças do capital.

PALAVRAS-CHAVE: Greve de massas; Rosa Luxemburgo; revolução russa; classe proletária.

MASS STRIKE, POLITICAL PARTY AND UNIONS: APPOINTMENTS

ABSTRACT: The study deals with texts by Rosa Luxemburg, which helped to guide the paths of the proletarian class in the complex context of the Second Socialist International (1889-1914). The objective is to present Luxemburg's propositions on the mass strike as a new strategy of action and revolutionary expression of the class struggle. The research is of a bibliographic nature, carried out with a Marxist theoretical approach, in the line of historical-dialectical materialism. Results: Luxemburg guided the actions of the proletarian class, based

on the assumptions of Marxian orthodoxy. She confronted the strategies of several years of preparation and education of the German working class by the SPD, with the Russian mass strike process, in which the workers learned and educated themselves in the heat of the struggle. Rosa recovered the class struggle, in a revolutionary perspective. She subverted the understanding of the time about an anarchist general strike, interpreting the historical events of Russian mass strikes. Conclusion: Luxemburg points to a conception of a socialist party, different from the SPD, which distanced itself from the masses, wants a party that maintains a constant dialectical relationship with the proletarian mass. A party that educates and is educated by the proletarian masses in the course of a dialectical process, of antagonism with the forces of capital.

KEYWORDS: Mass strike; Rosa Luxemburg; Russian revolution; proletarian class.

1 | INTRODUÇÃO

O Partido Social-democrata (SPD) como maior e mais influente partido no universo do socialismo mundial final do século XIX e começo do século XX, concentrou em suas fileiras os maiores debates teóricos sobre os rumos do socialismo mundial e as estratégias de ação da classe operária. Chamou para si a responsabilidade pela herança marxista, ortodoxia e fundamentos marxistas, enfrentou em suas fileiras as controversas teorias revisionistas e, no período de 1905-1907, por influência da revolução russa, teve que encarar um debate sobre as diferenças entre oriente e ocidente, no que dizia respeito as condições de maturidade da classe trabalhadora para assumir novas etapas rumo ao comunismo. As contradições sobre a utilização da greve de massas como estratégia de ação a ser assumida pelo proletariado voltou aos debates, bem como, o espaço do partido e do sindicato frente a nova realidade. Rosa Luxemburgo é uma das lideranças que, no nebuloso contexto da II Internacional socialista (1889-1914), contribui neste debate ajudando a iluminar o percurso da classe proletária pela via revolucionária, em oposição ao centralismo partidário, de um partido de vanguarda, que fez a opção estratégica, via revisionismo e reformismo, agindo dentro dos limites do Estado burguês.

Na obra *Greve de Massas, Partido e Sindicatos* tem-se uma síntese das principais estratégias de organização, feitas por Luxemburgo, a partir das experiências das greves ocorridas durante a revolução russa no período de 1896 a 1905, com destaque para importância destas experiências para a reconstrução do partido socialista, dos sindicatos e da luta revolucionária como um todo. A autora buscou compreender o porquê de o processo revolucionário socialista russo ter progredido, sendo a Rússia um país pouco desenvolvido industrial e economicamente, enquanto que a Alemanha, mais desenvolvida e em que o Partido Social-Democrata da Alemanha e os sindicatos tinham grande influência, não apresentava esse mesmo avanço revolucionário. O texto se desenvolve através de acontecimentos históricos relatados, analisados e críticas de Luxemburgo às estratégias assumidas pelo partido e pelos sindicatos na condução do processo revolucionário de massas.

O escrito tem como objetivo apresentar proposições de Luxemburgo, sobre a greve de massas como nova estratégia de ação e expressão revolucionária da luta de classes. A pesquisa se constitui como uma investigação bibliográfica, tendo como base a obra *Greve de massas, partido e sindicatos*, bem como, leitura de obras de pesquisadores e comentaristas como: (GUÉRIN, 1982), (BASSO, 1976), (LUKÁCS, 2012a), (FRÖLICH, 1976), (NEGT, 1984), entre outros.

As leituras foram realizadas com um enfoque teórico marxista, na sua vertente do materialismo histórico-dialético, com ênfase na compreensão que Gramsci buscava dar à filosofia da praxis, como “expressão consciente das contradições existentes na história e no meio social e atividade concreta que coloca a si mesmo como elemento de contradição, e eleva este elemento a princípio político e de ação”. (SEMERARO, 2006, p. 10). Buscou-se entender que as obras têm um contexto histórico em que foram escritas. São permeadas de das interferências hegemônicas do contexto político, social e econômico dos séculos XIX e XX. Os autores são contextualizados como produtos de seu tempo, do contexto histórico e do ambiente cultural em que estão inseridos.

2 | DISCUSSÃO E RESULTADOS

A configuração do movimento operário como contraponto de enfrentamento a hegemonia do capital, em suas diversas formas de exploração, exigiu da classe proletária a criação de uma forma de organização sindical e partidária. “O fato mesmo do proletariado espontaneamente se dar conta de que é explorado pelo capital já estimula sua aglutinação para resistir à exploração, tornando-se assim a parte, o partido do proletariado em luta de resistência frente ao capital.” (DEL ROIO, 2017, p. 101).

As formas de atuação do partido operário foram nos primórdios bastante incipientes, pelo menos até meados de 1875, quando da fundação do Partido Social-Democrata da Alemanha. As formas orgânicas de ação, vivenciadas por Marx, estavam ligadas à Liga dos Comunistas (1847-1852) e à Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1874). Essa fase tem sua síntese registrada por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, de 1848. A obra demarca o estreitamento das relações dos autores com a Liga dos Justos, uma união de trabalhadores e artesões alemães emigrados da Inglaterra, fundada em 1836, que visa conscientizar os trabalhadores da sua condição de espoliação do capital e sinalizar para a força da união do proletariado. Frente ao avanço da burguesia e sua luta com o proletariado emergente, o comunismo é apresentado como o resultado final da força da história, o sistema que substituirá o capitalismo. Marx e Engels se esforçam para orientar o proletariado no sentido de interpretar as diversas lutas dos trabalhadores como tendo um eixo central, ou seja, “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”. (MARX e ENGELS, 2001, p. 23).

No contexto da Segunda Internacional (1889-1914), O Partido Social-Democrata

da Alemanha (SPD), por conta do engajamento revolucionário do proletariado, tornou-se o partido mais forte do proletariado europeu. O crescimento do partido trouxe consigo, burocratização e centralização das ações na vanguarda, que tomava as decisões em nome da classe proletária.

Lênin em 1902-1903, em *Que fazer?*, documento de preparação ao II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, esboça uma teoria política, recomendando a centralidade do partido na condução das ações proletárias. A centralidade no partido, proposta por Lênin, à medida que foi sendo implementada, comprometeu a autonomia e o debate democrático nas organizações proletárias.

Lideranças, como Luxemburgo, condenaram o centralismo de partido, por temerem que o ultra centralismo de um Comitê Central de partido ou de uma vanguarda, além de demarcar espaço entre militante e não militante, sindicalizado e não sindicalizado, perdia de vista a amplitude da luta de classes, sufocando as forças vivificadoras das massas operárias. Para Luxemburgo, que tinha um modo diferente de entendimento, o movimento operário se faz organicamente e ganha consciência a partir das massas, o processo proposto por Lenin não poderia partir de um Comitê Central. (LUXEMBURGO, 2011g, p. 155).

No final do século XX e começo do XXI, contexto da revolução russa de 1905, o SPD se posicionava contrário à tática de greve geral como um instrumento de luta revolucionária. Bakunin, líder anarquista e defensor da greve geral, estava em oposição às estratégias políticas usadas pelas lideranças partidárias. O partido segue os argumentos de Engels (1873), em sua crítica à Fábrica de Revoluções de Bakunin, lançando o dilema: “ou o operariado como um todo não possui organizações nem fundos poderosos, e assim não consegue realizar a greve geral, ou está devidamente organizado e então não precisa da greve geral”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 265).

Esta argumentação freou o avanço anarquista dentro do movimento operário por diversos anos. A efervescência dos movimentos de massa russos, levou a uma nova era de desenvolvimento do movimento operário. Submeteu a uma revisão da argumentação defendida pela vanguarda do partido. A Revolução Russa tornou-se um divisor de águas na compreensão do movimento operário internacional, tendo como protagonista principal, Rosa Luxemburgo.

No contexto da revolução russa, em 1905, Luxemburgo, contrariando membros do partido que queriam sua permanência em Berlin, viajou para Varsóvia com a intenção de participar da revolução. A caminho, foi presa na Polônia e liberada somente em junho de 1906. Ao retornar para a Alemanha, levou consigo a brochura de *Greve de massas, partido e sindicatos*. Ela, que havia participado dos debates do SPD nos anos anteriores, registrou a sua contribuição à luz das experiências russas. Com o texto não intenciona descrever e teorizar os acontecimentos, embora o fizesse com muita propriedade, defende a estratégia russa da greve de massas, como expressão revolucionária. Para ela, a greve de massas,

como inspirada na revolução russa, é uma “nova forma de revolução proletária moderna”. (SALVADORI, 1982, p. 243).

Diferente de *Reforma social ou Revolução?* obra de 1899, em que concentra esforços na contraposição das teses revisionistas e reformistas que alimentaram o *Bernstein-Debate*, em *Greve de Massas, Partido e Sindicatos*, Luxemburgo estabelece um novo programa de ação revolucionária, com base no significado que a revolução russa de 1905 traz a classe operária internacional. Na obra já aparecem delineados princípios e estratégias que Luxemburgo perseguirá até o desenrolar dos acontecimentos da revolução alemã de 1918, bem como, sinaliza algumas mudanças em relação a alguns pontos e posições assumidos nas controvérsias com o revisionismo; dentre eles, uma reavaliação e crítica, em termos organizacionais, da trajetória política e das estratégias futuras do SPD. Ela, se mostra desencantada com as diretrizes do partido, principalmente com as lideranças partidárias e sindicais, que por influências revisionistas, vêm conduzindo gradualmente a classe operária apenas no caminho parlamentar, eleitoral, deixando em segundo plano a perspectiva revolucionária da tomada do poder do Estado.

As ações do partido, por meio de um programa reformista, além de gerar desconfiança em Luxemburgo, ajudaram a delinear o início do afastamento das direções partidárias e sindicais, repensando a práxis em perspectiva da ação revolucionária das massas. Uma nova compreensão do marxismo feita por Luxemburgo, que levou Lukács, no prefácio de 1921 da edição húngara de *Greve de massas, partido e sindicatos*, a colocá-la como “a maior entre os maiores”, pois teria sido a primeira a “descobrir a única arma eficaz contra os perigos do imperialismo: os movimentos de massa revolucionários”. (LUKÁCS, 1998, p. 321).

Luxemburgo, em 1904, em *Questões de Organização da Social-democracia Russa*, já divergia de Lênin, ela tinha consigo a tese de que a auto-organização das massas era mais importante para o processo revolucionário do que a direção centralizadora de um partido. No caso da direção social-democrata alemã, a “centralização não pode fundar-se na obediência cega, na subordinação mecânica dos militantes a um poder central”, que imobiliza a vitalidade do movimento operário. (LUXEMBURGO, 2011g, p. 158).

A Rússia, país pobre e atrasado em questões tecnológicas, vista pelo Ocidente e presente nos debates da social-democracia, estava ligada a uma “fonte de vento reacionário”, que soprava em direção ao Ocidente, mas que trazia consigo a “encarnação” e o perigo do “militarismo e burocratismo”. Razões pelas quais “[...] as correntes do movimento operário alemão estavam unidas no aplauso ao fim do tsarismo; mas não estavam absolutamente unidas no aplauso aos ensinamentos dos métodos de luta russos”. (SALVADORI, 1984, p. 249).

O texto *Greve de massas, partido e sindicatos*, escrito a partir das anotações que Luxemburgo fez sobre os acontecimentos russos, publicado em 1906, é dividido em oito partes. Com base nos eventos russos, buscou dialogar com as questões que vinham

sendo discutidas nos congressos do partido e da Internacional socialista. Questões como organização do partido, relação com sindicatos e greve de massas como instrumento anarquista, bem como, a validade ou não da experiência russa para a Alemanha, por tratar-se de contexto político e econômico divergente, são desconstruídas no texto. Ele, sinaliza para a capacidade revolucionária das massas, constituída a partir da autoeducação, aprendizado que foi sendo adquirido no decurso das greves de massas.

Luxemburgo elaborou o conceito de greve de massas recuperando a trajetória dos movimentos operários que antecederam os eventos de 1905. Concebe as greves operárias como um processo contínuo de experiências da classe trabalhadora, constituídas pelas greves de 1896, 1902, 1903 e 1904. Como movimento permanente, a greve de massas, a revolução não delimita fronteiras entre as lutas econômicas e as lutas políticas. Algumas lutas operárias começaram com greves econômicas, mas no decorrer dos dias assumiram caráter político e vice-versa, mostrando que o processo revolucionário, segue uma dialética histórica própria dos sujeitos envolvidos na ação, como comprovam as principais greves russas.

A greve de massas, como vivenciadas pelo operariado russo, subverteu a compreensão que se tinha sobre o tema. A revolução, como uma realização grandiosa que utilizou a greve de massas, inaugura “uma nova época no desenvolvimento operário” e, portanto, requer que se faça uma revisão da argumentação que se tinha sobre o tema. A greve de massas, de concepção anarquista, como descrita por Engels, sinaliza a “*liquidação histórica do anarquismo*” e indica um novo período no desenvolvimento operário. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 265).

Na Rússia havia um campo enorme para a experimentação anarquista, em cujas condições históricas poderia alicerçar suas ações heroicas, o anarquismo assumiu papel oposto a luta revolucionária. Tratava-se de um país em que o proletariado não tinha direito político, as organizações ainda incipientes, os extratos sociais divergiam e conflitavam sobre os interesses comuns, acrescido da deficiente formação da massa pobre e de um regime de governo despótico, violento, condições que poderiam dar ao anarquismo um impulso para o desenvolvimento. Quis o destino que na Rússia, pátria de Bakunin, em que se as condições favoráveis mais propensas para as investidas do anarquismo, tornou-se o “túmulo de sua teoria”, pois os anarquistas não estavam a frente do movimento de massas. “A liderança política da ação revolucionária e também da greve de massas encontra-se nas mãos das organizações social-democratas.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 266).

O anarquismo que era inseparável da greve de massas, na Rússia, entrou em oposição a greve de massas, tornou-se fachada para bandidos e saqueadores, que sob pretexto do “anarcocomunismo”, praticavam roubos e saques com objetivos particulares e não para as causas da revolução.

Na Revolução Russa o anarquismo não se tornou a teoria do proletariado em luta, mas o rótulo ideológico do lumpemproletariado contrarrevolucionário,

que se agita atrás do navio de guerra da revolução como um bando de tubarões. E assim acaba a carreira histórica do anarquismo. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 267).

Na Rússia, a greve de massa como luta revolucionária, foi realizada pelo povo trabalhador, comprovando as demonstrações de Marx e Engels contra o anarquismo. Negt (1984, p. 28) observa que a dialética histórica é captada por Luxemburgo na tensão das estruturas contraditórias, nas formas dinâmicas materiais das coisas e nas relações, ilustradas pelas mudanças de funções da própria compreensão que se tinha da greve de massas. A “Revolução Russa torna necessária uma revisão minuciosa da antiga posição do marxismo sobre a greve de massa, e novamente apenas o marxismo que com seus métodos e pontos de vista gerais obtém a vitória sob nova forma”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 267-268).

Ao propor ao SPD a revisão das antigas posições marxistas sobre a greve de massas, Luxemburgo confronta-se com adversários reformistas, que como Bernstein, Eisner e os representantes sindicais do Congresso de Colônia, (22 a 27 de maio de 1905), haviam aprovado moção de condenação a qualquer discussão que envolvesse a greve de massas. Ela critica o centrismo sindical e partidário que imagina ter o total controle sobre as massas, a ponto de querer “marcar a greve de massas na Alemanha num dia determinado no calendário, por uma decisão da direção do partido”. Para ela, a greve de massas não pode ser concebida conforme as abstrações dos teóricos do SPD, como “simples meio de luta técnico, que pode ser ‘decidido’ ou ‘proibido’ a bel-prazer, e com plena consciência, uma espécie de canivete, que se pode manter no bolso ‘para todos os casos’ para, quando se quiser, abri-lo e utilizá-lo”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 269).

Estas concepções são a expressão do universo abstrato social-democrata, manifestas através de “românticos revolucionários” e líderes sindicais que planejam as greves de acordo com a disponibilidade econômica dos fundos de reserva. Tais interpretações não tem sua base no materialismo histórico, mas em realidades externas as condições e necessidades dos operários.

Se a Revolução Russa nos ensina algo, é sobretudo, que a greve de massas não é ‘feita’ de artificialmente, não é ‘decidida’ e nem ‘propagada’ a partir do nada, mas é um fenômeno histórico que, num determinado momento, resulta, como uma necessidade histórica da situação social. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 271).

Luxemburgo tinha consciência de que as greves na Rússia, até 1905, “apesar de surgirem espontaneamente, por trás delas encontrava-se o trabalho de anos de propaganda da social-democracia”. (LOUREIRO, 2004, p. 75). A afirmação realça a importância que Luxemburgo dava a educação da classe operária para os fins revolucionário. “A centelha se ascende na ação” (LÖWY, 2014, p. 27), mas precisa da condução, orientação e direção consciente do partido massa, que ajudará a tornar os eventos econômicos em fenômenos

políticos, criando, pela autoeducação das massas, uma consciência de classe, capaz de fazer não só antagonismo às forças do capital, mas caminhar na construção de uma nova ordem socialista.

A decomposição da greve política em várias greves econômicas, aos olhos dos amantes das lutas “bem ordenadas e bem disciplinadas”, teria sido um grande erro que paralisou as ações, levando aqueles esforços a um “fogo de palha”. No entanto, para a revolucionária polonesa, a social-democracia russa, “que participou da revolução, mas não a ‘fez’”, teve que aprender suas leis enquanto a revolução se desenvolvia, ficando muitas vezes desorientada. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 284).

Nas aprendizagens do “gigantesco trabalho revolucionário” teriam ficado, não só uma amostra de que a massa operária foi capaz de construir, “um ato político de declaração de guerra revolucionária ao absolutismo”, mas um despertar de “sentimento de classe e a consciência de classe de milhões e milhões”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 285).

Os anos de absolutismo não se derrubam com uma única greve, como propagado pelos anarquistas, para isso, “[...] o proletariado precisa de um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização”, essas condições não são adquiridas como imaginado por membros do SPD, “[...] em brochuras e panfletos, mas apenas na escola viva, na luta e pela luta, no andamento progressivo da revolução.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 286).

O mais valioso nessa fervorosa onda revolucionária de sobe e desce, por ser durável, é o seu *peso intelectual*: o crescimento intermitente do proletariado no plano intelectual e cultural oferece uma garantia inquebrantável para o seu progresso contínuo e irresistível na luta política e econômica. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 290).

Luxemburgo extrai algumas lições dos acontecimentos russos. Primeiro, a greve de massas não é uma forma da luta revolucionária, meio engenhoso criado para reforçar ou auxiliar a luta cotidiana dos trabalhadores, mas “ela é o pulso vivo da revolução e ao mesmo tempo, seu motor mais poderoso”, a própria forma de manifestação operária no decurso da revolução. A experiência da greve de massas, como vivenciada pela revolução russa “não é um meio astuto, inventado para reforçar o efeito da luta proletária, mas é o modo de movimentação da massa proletária, a forma de expressão da luta proletária na revolução.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 299).

Na segunda lição dos acontecimentos, Luxemburgo coloca nas massas o protagonismo revolucionário. O caráter “espontâneo” das massas subverte o esquema teórico da social-democracia alemã, em que a questão do abastecimento, da cobertura dos custos e das vítimas ocupavam grande parte das discussões, colocando a direção partidária e a disciplina como condições imprescindíveis para uma greve de massas. Ora, não é uma organização partidária que torna o proletariado revolucionário, mas ao contrário, no decurso da ação revolucionária ele se educa, conscientiza-se e organiza-se enquanto

classe operária. O elemento da espontaneidade desempenhou um papel importante em todas as revoluções russas, sendo ele “o elemento propulsor”, não porque “o proletariado ‘não é instruído’, mas porque a revolução não admite instrutores”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 308).

A terceira lição diz respeito a forma como Luxemburgo interpreta a realidade dos eventos russos. Para ela, o real é compreendido dentro de uma totalidade maior. As análises dos eventos de 1896, 1987 a 1905 mostram uma diversidade de causas e eventos, mas todos caminharam para uma unidade entre elementos econômicos e políticos. Assim, “cada uma das grandes greves de massas repete em miniatura, a história geral da greve de massas russa e começa com um conflito sindical puramente econômico ou, pelo menos parcial, percorrendo toda a escala até o protesto político” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 302). Em outras ocasiões, as greves de massas aglutinam-se em torno de reivindicações políticas e dispersam-se em várias greves econômicas regionais, locais ou até mesmo dentro de uma só empresa. Ao contrário do “esquema pedante” da social-democracia, a luta econômica e a luta política são “dois lados entrelaçados de uma luta de classe proletária na Rússia. E sua unidade é justamente a greve de massas.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 303).

A greve de massas como meio revolucionário de “recrutar, revolucionar e organizar as camadas proletárias” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 335) trouxe o caráter espontâneo e de autoeducação proletária no decurso da luta. A ação revolucionária do proletariado assume o protagonismo, educa, conscientiza e organiza a classe operária. Luxemburgo descobriu a principal estratégia do partido, alicerçada na concepção de que por meio da educação, da consciência de classe e da organização, o proletariado se tornaria revolucionário.

As orientações de uma organização prévia da classe operária, como preparação e formação para a chegada do colapso do capitalismo, têm sua base nas lideranças do SPD, principalmente em Kautsky e Bernstein e, em certos aspectos, ainda em Luxemburgo dos primeiros anos de *Reforma social ou Revolução?* No entanto, os acontecimentos da revolução russa de 1905 ensinaram a Luxemburgo, como manifesto a partir de *Greve de massas, partido e sindicatos*, que o “modo mais conveniente de conduzir uma luta demorada e persistente” contra o capitalismo é “a própria ação revolucionária” e que qualquer esforço para enfrentar o capitalismo que venha a “prescindir da contribuição das massas desorganizadas seria inútil”. (MUSSE, 1998, p. 31).

Uma das questões controversas ou polêmicas em Luxemburgo está ligada *Greve de massas, partido e sindicatos*. A obra tem sido interpretada de forma emblemática por alguns, que a acusam de ter sido determinista e se deixado levar pelo espontaneísmo das massas, subestimando a importância do partido no processo revolucionário. Na obra aparece subentendida a tese de que as “massas são espontaneamente revolucionárias” e que basta um incidente menor para desencadear uma ação revolucionária. Sobre a questão, registra-se algumas considerações.

Na questão do partido, Luxemburgo vivencia a tensão entre objetivo socialista

e a prática reformista, oportunista presente nos quadros do partido social-democrata alemão e na Segunda Internacional. Ela não tem uma teoria sobre partido que possa ser universalizada, como receita a ser aplicada na solução dos problemas da luta de classe, mas “uma compreensão do movimento real da classe e da sociedade capitalista.” (CÉSAR, 2007, p. 56). Para Loureiro (2004), Luxemburgo, na tensão e contradição das ações partidárias, principalmente na questão da organização, com a qual manteve coerência em toda a sua obra, emitia sua opinião, buscando sempre uma síntese entre momentos da espontaneidade e de consciência, de modo que, ela “não tem uma teoria do partido, mas uma concepção de partido” (CÉSAR, 2007, p. 56), gestada conforme as necessidades da luta de classes.

Para Petit, não há a priori, pelo menos ainda nesta obra, a negação do papel do partido na revolução. Ela não “opõe a massa revolucionária ao partido”, seus ataques não intenciam destruir o partido alemão, embora faça chamamento para a solidariedade internacional, conclame para que caminhe com a massa operária e não perca as oportunidades históricas, o foco das críticas são os sindicatos, cuja influência e o papel desmobilizador, ela julga como nefasto. (PETIT *Apud* GUÉRIN, 1982, p. 135).

Para Guérin (1982), as acusações de “determinismo” e “espontaneísmo” que caracterizaram alguns rótulos do “luxemburguismo” precisam ser vistos dentro da dinâmica interna de funcionamento da espontaneidade, como um fenômeno da natureza, um impulso original primário, instinto de conservação e subsistência da espécie. Os trabalhadores saem da passividade do cotidiano e “juntam-se aos companheiros de trabalho e de alienação, não porque um ‘líder’ os incita”, ou mesmo um pensamento consciente o desperte, mas “simplesmente porque a necessidade os compele a assegurar ou melhorar a sua subsistência e, se já atingiram um estágio mais adiantado, a reconquistar a sua dignidade de homens”. O protesto se multiplica e o “contágio revolucionário ganha o conjunto da classe”. (GUÉRIN, 1982, p. 14).

A aprendizagem dos acontecimentos da Rússia mostra que “o partido não é (pelo menos de imediato) a consciência de classe e não se torna partido em um dia e seu mandato, instrumento de luta de classe, nunca é definitivo.” (GUILLERM *Apud* GUÉRIN, 1982, p. 131). Razão pela qual um partido comunista não pode ser decretado por intelectuais e direções que caminham em terrenos abstratos, mas o resultado da maturação das massas, com seus erros e acertos. Na Rússia, sindicatos e partidos nascem espontaneamente, fruto das necessidades da luta e progridem em um processo contínuo de autoeducação, autoatividade e autogoverno. “O partido é resultado das lutas espontâneas e se alimenta delas”. (LOUREIRO, 2004, p. 84).

Luxemburgo não é espontaneísta, apesar das greves terem seu caráter espontâneo, na análise da revolução russa (1905), ao mesmo tempo que aponta carências da social-democracia, não descarta o partido, ao contrário, sonda as possíveis intervenções e contribuições que ele possa trazer ao movimento operário. Diante disso, a espontaneidade

das massas, que era vista como o motor da ação revolucionária, simultaneamente está ligada ao partido. (GUÉRIN, 1982, p. 35).

Embora o partido não seja o desencadeador das greves, pois a ação revolucionária depende de um conjunto de fatores econômicos, políticos, sociais, materiais e psíquicos, que tem seu protagonismo na classe operária, ele, uma vez desencadeadas as greves, deve ajudar na condução e na direção das ações. Defende que, numa situação revolucionária, ao invés de quebrar a cabeça com o lado técnico e demais mecanismos da greve de massas, o partido deve “assumir a direção *política*”, ajudar nas “palavras de ordem”, direcionar à luta, estabelecer táticas e auxiliar para que a massa crie um “sentimento de segurança, de autoconfiança e o desejo de luta”. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 309).

Ao partido, mesmo não tendo a iniciativa das greves de massas, cabe a responsabilidade pelo conteúdo político e as palavras de ordem, do contrário a ação poderá se perder e refluir no caos. Deixa claro que as greves de massa “eclodem por si próprias” e no “momento certo”. As greves de massa não caem do céu dessa ou daquela maneira, “elas precisam ser feitas pelos trabalhadores”, enquanto os chamados de uma “direção em prol da greve de massas não têm sucesso.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 309).

Luxemburgo tem uma concepção de partido, não como uma instituição rígida, “único centro ativo do processo revolucionário”, mas como um processo em que são conservadas, tornadas conscientes e desenvolvidas as experiências coletivas e as múltiplas tentativas de organização da classe operária, e com a ajuda da dialética materialista, orientadas para o objetivo final. (NEGT, 1984, p. 39-40).

A tarefa do partido não consiste apenas na preparação técnica e direção dos detalhes das greves, mas na “*liderança política* do movimento”, pois no partido se encontram operários mais esclarecidos e conscientes da luta de classes. (LUXEMBURGO, 2011d, p. 323). Cabe ao partido três funções principais. A primeira é a de *organizar* a classe operária, buscando coesão para o enfrentamento econômico-político com as forças do capital. Uma segunda função do partido diz respeito a de *esclarecer* (*Aufklärer*) a classe proletária a posição que ocupa frente aos adversários, para isso trabalha a teoria, faz análise histórica e traça as estratégias de um programa político para a conquista do poder. O partido sintetiza as necessidades imediatas com as necessidades históricas, sendo que somente a classe poderá transformar em ação. A terceira função, diz respeito a necessidade de ajudar a precipitar, apressar, *acelerar* a luta de classe operária, não apenas lançando palavras de ordem, mas antes de tudo “explicando às mais amplas camadas do proletariado a irremediável *chegada* deste período revolucionário, os *fatores sociais* internos que a ele conduzem, e suas *consequências políticas*.” (LUXEMBURGO, 2011d, p. 323).

O partido é visto por Luxemburgo como consciência que brota da espontaneidade das massas, ao mesmo tempo que é “resultado das lutas espontâneas e se alimenta delas”, num “processo de educação ininterrupta.” (LOUREIRO, 2004, p. 84). Essa interação vivifica o partido e dá consistência a ação proletária, numa relação dialética entre o partido

e ação das massas, e não de um dos dois separados ou da supremacia de um sobre o outro. O partido, em seu percurso histórico não se fez de uma só vez, de uma hora para outra, “ele *torna-se* social-democrata a cada dia”, (LUXEMBURGO, 2011e, p. 87), foi sendo constituído na superação dos desvios anarquistas e oportunistas e, aquilo que era visto apenas sinônimo de partido, com uma estrutura rígida e institucional, pode ser compreendido como *processo* de construção.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a obra, *Greve de massas, partido e Sindicatos*, Luxemburgo estabelece uma frente de confronto com as posições de Lênin e de companheiros do SPD, para quem a revolução só seria concretizada a partir de uma rígida disciplina imposta às massas, por um partido de vanguarda. Naquele contexto, ela ajudou a orientar as ações da classe proletária, com base nos pressupostos da ortodoxia marxiana. Ela confronta as estratégias de vários anos de preparação e educação do operariado alemão pelo SPD, com o processo de greve de massas russos, em que os trabalhadores aprenderam e se educaram no calor da luta.

Luxemburgo no percurso de sua militância política e intelectual marcou posição contrária ao excesso de centralização, burocratização e distanciamento do partido em relação a massa operária. Ela aponta para uma compreensão de partido socialista, diferente do SPD, que se distanciava das massas. Sinaliza para a construção de um partido que mantenha uma relação dialética constante com a massa proletária. Um partido que não seja partido, nos moldes tracionais, como descreve na Liga *Spartakus*, mas uma organização que tenha presente os fins revolucionários e ajude a classe proletária no seu percurso revolucionário. Uma instituição processo, construída a partir da própria revolução. Um partido massa que não só educa o proletariado, mas seja humilde o suficiente para aceitar ser educado pelas massas proletárias e, assim, aprender a se fazer partido, no decurso de um processo dialético, de antagonismo às forças do capital.

Diante da atual crise econômica e da nebulosidade teórico-política brasileira e da esquerda mundial, Luxemburgo é um referencial a mostrar que a luta de classes ainda é forma de antagonismo contra as forças do capital. Ela ajuda na compreensão de que algumas dificuldades presentes em partidos ligados à classe trabalhadora, não se dá pela inoperância das massas operárias, mas em grande parte, pela confusão teórica de parte de suas lideranças, que por influência revisionista ou interesses oportunistas, se desconectam das bases proletárias que deveriam representar e, não tendo mais clareza sobre os fins da luta de classe, sucumbem aos interesses hegemônicos dominantes.

REFERÊNCIAS

BASSO, L. **El Pensamiento político de Rosa Luxemburg**. Tradução de Josef Greifeu. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

CÉSAR, R. Concepção de partido em Rosa Luxemburg. **Cadernos Cemarx**, Unicamp, v. 4, 2007.

BERNSTEIN, E. **Socialismo evolucionário**. Tradução de Manuel Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Instituto Teotônio Vilela, 1997.

DEL ROIO, M. Classe e partido em Gramsci (1913-1926). In: LIMA FILHO, P. A. D.; NOVAES, H. ; MACEDO, R. F. **Movimentos sociais e crises contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo crítico**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017. p. 101-128.

FRÖLICH, P. **Rosa Luxemburg: vida y obra**. Madrid: Fundamentos, 1976.

GUÉRIN, D. **Rosa Luxemburgo e a espontaneidade revolucionária**. Tradução de Cecília Bonamine. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LÊNIN, V. I. **Obras escolhida 2**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda, v. 2, 1955.

LOUREIRO, I. M. **Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária**. 2. ed. São Paulo: UNESP / Fundação Perseu Abramo, 2004.

LÖWY, M. A centelha se acende na ação: a autoeducação dos trabalhadores no pensamento de Rosa Luxemburgo. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 27-38, 2014.

LUKÁCS, G. Prefácio a Greve de massas, partido e sindicatos. In: LÖWY, M. **A evolução política de Lukács**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 320-326.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudo sobre a dialética marxista**. Tradução de Rodnei Nascimento. 2. ed. São Paulo: Wmf/Martins Fontes, 2012a.

LUXEMBURGO, R. **Textos escolhidos I (1899-1914)**. Tradução de Stefan Klein. Organizado por Isabel Loureiro. São Paulo: Unesp, v. 1, 2011a. 511 p.

LUXEMBURGO, R. Greve de massas, partido e sindicatos. In: LUXEMBURGO, R. **Textos escolhidos I (1899-1914)**. Tradução de Stefan Klein. Organizado por Isabel Loureiro. São Paulo: UNESP, v. 1, 2011d. p. 263-350.

LUXEMBURGO, R. Reforma social ou revolução? In: LUXEMBURGO, R. **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos I**. Tradução de Stefan Klein. São Paulo: Unesp, 2011e. p. 1-112.

LUXEMBURGO, R. Questões de organização da social-democracia russa. In: LUXEMBURGO, R. **Rosa Luxemburgo: textos escolhidos I**. São Paulo: UNESP, 2011g. p. 151-176.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista (1848)**. Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MUSSE, R. O debate sobre a revolução russa de 1905 na social-democracia alemã. **Revista de História**, São Paulo, v. 139, p. 21-34, 1998.

NEGT, O. Rosa Luxemburg e a renovação do marxismo. In: HOBSBAWM, E. **História do marxismo: o marxismo na época da segunda internacional (segunda Parte)**. Tradução de Carlos Néelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 11-52.

SALVADORI, M. L. Kautsky entre ortodoxia e revisionismo. In: HOBSBAWM, E. J., et al. **História do marxismo: marxismo na época da Segunda internacional**. Tradução de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2 (Primeira Parte), 1982. p. p.299-339.

SALVADORI, M. L. A social-democracia alemã e a revolução russa de 1905: debate sobre a greve de massas e sobre as diferenças entre Oriente e Ocidente. In: HOBSBAWM, E. J. **História do Marxismo: marxismo na época da segunda internacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 243-290.

SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

SOUZA, L. E. V. D. **A recepção alemã à revolução russa de 1905**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2012.

A

Acessibilidade 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 86, 87, 88

B

Boletim 17, 63, 74

C

Cápsulas 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47

Chapecó 100, 103, 105, 106, 108, 109

Classe 3, 4, 10, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 53, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 104

Curso 36, 38, 39, 41, 45, 46, 61, 82

D

Desenvolvimento 2, 25, 27, 49, 58, 63, 65, 66, 68, 69, 77, 82, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 108

Digitais 76, 77, 82, 83, 85

E

Estações 100, 104, 106, 107, 108

Estiagem 100, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109

Evapotranspiração 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109

G

Greve 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35

I

Inclusão 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88

Indígenas 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Integrado 84, 89, 90, 91, 92, 94, 98, 99

J

Jogos 58, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 85, 86

L

Língua 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 84

Local 37, 56, 60, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99

M

Massas 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Meses 6, 100, 102, 103, 106, 108, 109

Modernização 89, 96, 98

P

Pedagógicas 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 51, 69

Percepção 1, 16, 17

Planos diretores 89, 90, 91

População negra 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74

Portugueses 1, 2, 8, 10, 14, 15, 16

Práticas educacionais 50

Proletária 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 33

Prueba 36, 41, 43, 44, 45

Puyanawa 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Q

Questão social 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 110

R

Relações étnico-raciais 62, 66

Revolução Russa 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35

Rosa Luxemburgo 22, 23, 25, 34

S

Secos 100, 104, 106

Serviço Social 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 110

Sindicatos 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 34

T

Tecnologia assistiva 76, 78, 79, 87, 88

Teresina 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Territorialidade 50

V

Video 36, 37, 38, 39, 41, 45

CIÊNCIAS HUMANAS & SOCIAIS APLICADAS:

Competencias para o desenvolvimento humano

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



CIÊNCIAS HUMANAS & SOCIAIS APLICADAS:

Competencias para o desenvolvimento humano

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

